

NUMBERS

AS RUNAS DO PODER



CAROLINA REGINATTO

LIVRO UM

NUMBERS

AS RUNAS DO PODER



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © Carolina Reginatto, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Marcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Marcio Zanini

REVISÃO
Laryssa Fazolo

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Reginatto, Carolina
Numbers, as runas do poder / Carolina Reginatto. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-67-1

1. Romance 2. Ficção 1. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

AGRADECIMENTOS

Há duas pessoas que são tudo para mim. Minha mãe, que infelizmente não está mais comigo, deixou-me uma grande lição de como devemos viver neste mundo: *com amor*. Ela me ensinou que a magia sempre deve fazer parte de nossas vidas. Que eu nunca pare de sonhar, como você, mãe.

E, ao meu pai, dedico todas as minhas conquistas. Se há alguém que sempre esteve ao meu lado, me amparando e me incentivando, é ele. Me ensinou a ser uma mulher forte e a não desistir de minhas batalhas. Foi graças a ele, sempre com um livro na mão, que tive o meu desejo por escrever aflorado. Então, a vocês dois eu agradeço por tudo.

A minha gratidão a você, Val, minha *mãedra*. Se há algo com o que fui agraciada nesta vida, é com a sorte que tenho de ter alguém como você cuidando de mim e me apoiando em todos os momentos.

Agradeço pelas intermitentes risadas e folias, aos meus irmãos Carol, Vito, Rafa e Ju. Nossa família nunca foi normal, tampouco queremos isso. Pois somos assim e eu amo vocês com toda a força do meu coração.

Agradeço ao meu amor, meu primeiro leitor, que me incentivou e vivenciou comigo toda esta experiência maravilhosa que está sendo me tornar escritora.

Agradeço também aos meus amigos, pelos momentos descontraídos e especiais, além, é claro, de ótimas risadas.

Por último, mas não menos importante, o meu agradecimento especial à minha grande amiga, Jana Potye. Numbers não seria o mesmo sem você. É incrível como um livro, escrito a quatro mãos, pode ter uma sinergia tão grande. Somos tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidas. Uma gaúcha e uma paulista, separadas por mais de 1300 km de

distância, que união perfeita! Você com sua criatividade de outro mundo sempre me encantou, e eu te dedico tudo isto, pois não seria possível sem você. Aquela que me escuta, que me apoia, me incentiva. Juntas, criamos esta história, que eu garanto: irá encantar você, leitor, da mesma forma que nos emocionou ao escrevê-la.

PRÓLOGO

Um estrondo pode ser ouvido ao longe, enquanto vozes exasperadas falando ao mesmo tempo acordaram a jovem menina de cabelos castanhos. Mas antes de despertar totalmente, já sentia a mão de sua mãe em seus braços, agarrando-a em um aperto forte e desesperado para carregá-la para fora do quarto.

Enquanto a levava a passos rápidos para longe do apartamento, a menina estranhou quando viu que a mais velha também carregava uma pequena mochila.

Outro barulho se fez presente, mas, desta vez, mais próximo do prédio em que estavam, fazendo o chão estremecer sob seus pés. O alvoroço era visto entre os corredores, e as expressões apavoradas das pessoas assustavam a pequena garota.

O desespero de sua mãe era palpável, fazendo a menina derramar lágrimas silenciosas por não entender o que acontecia, mas com medo suficiente para indagar a mãe. Logo, viu seu pai no fim do corredor com uma mulher loira de vestimentas escuras e olhar intimidador. Por mais que todos estivessem desesperados, ela parecia impassível a tudo aquilo e alheia ao sofrimento dos demais.

Caminharam até chegar perto do pai, mas a menina conseguia sentir a mão de sua mãe junto a sua, mais trêmula a cada passo que davam.

— Eldar, está pronto? — Ouviu a voz embargada de sua mãe ao seu lado.

— Sim, Indis. Está tudo pronto para a partida delas.

A pequena conseguia sentir a tristeza na voz do pai.

— Ótimo. — Indis se agachou, ficando na altura da filha, dando-lhe um sorriso singelo, deixando um carinho demorado em sua bochecha. — Querida, agora você deve ir com essa moça, ela irá cuidar de você.

— Mamãe, eu não quero ir. — A menina não conteve as lágrimas ao olhar da mãe para a loira a sua frente. — Quero ficar com você e com o papai.

— *Querida, não temos tempo. — Eldar também se abaixou. — Você deve ir com sua nova mentora, a Galia.*

— *Papai, não, por favor. — O desespero começou a tomar conta da garotinha de cinco anos.*

— *Vamos logo com isso. — Ouviu a voz da loira impaciente atrás de si.*

— *Nós te amamos, filha. — Indis levantou-se e entregou a mochila a Galia. — Sempre se lembre disso.*



— Não... — Helena levantou da cama de sobressalto, seu coração estava disparado e logo ouviu sua mentora bater à porta de seu quarto, perguntando se estava tudo bem.

Olhou em volta por um momento, buscando algum sinal de que seus pais pudessem estar ali com ela, mas sabia que fora apenas um sonho do seu último momento com eles.

— Está tudo bem, desculpe te acordar — respondeu acomodando-se melhor, ao olhar para o despertador ao lado da cama.

Este marcava plenas cinco da manhã, e sabia que era questão de segundos até receber um sermão de sua mentora.

— Droga, Helena! Novamente tendo pesadelos? Você não é mais criança! — diz a mais velha, crispando os lábios. — Controle-se! E só me acorde cedo desse jeito quando estiver realmente em apuros!

— Já pedi desculpas, Galia — sussurra a moça apenas para si, mas alto o suficiente para a mais velha ouvir.

— Alejandra, Helena! Alejandra! Você sabe que agora deve me chamar assim! — A voz exasperada dela podia ser ouvida no cômodo. — Como vamos conseguir viver em meio aos humanos, se não consegue nem me chamar pelo meu novo nome?!

Helena revirou os olhos e voltou a se deitar, desta vez, mais calma.

Entretanto, sabia que tão logo não voltaria a dormir. Pelo menos não sem se lembrar novamente do desespero nos rostos de seus pais, quando fora puxada com violência pela loira e arrastada do alcance dos braços de sua mãe.



Recordava-se perfeitamente do som alto que ouviu e do prédio tremer ainda mais e, com ele, uma onda de calor irradiante que vinha das paredes.

A explosão foi grande e por pouco não foi pega com ela junto de sua mentora. Conseguiram chegar à sala de lançamento de cápsulas a tempo, entretanto, viu seus pais serem consumidos pelas chamas e suas vidas levadas diante de seus olhos.

A morte deles nunca seria a melhor de suas recordações e sabia que estava fadada a se lembrar disso todas as noites.



Sob uma chuva incessante, James correu por entre as árvores o máximo que seus pulmões conseguiram aguentar. As últimas palavras daquele que o criou ecoavam em sua mente: *“Corra, você não pode contra todos eles”*.

Por mais que fazer isso fosse contra seus princípios, por mais que o deixar para trás fosse o mesmo que o condenar à morte, sabia que era preciso. Sabia que sua vida era mais importante que a de Bruce.

Precisava sobreviver para aniquilar o causador de sua morte e vingar seu nome, deixando claro que seu sacrifício não fora em vão.

A chuva não parava e o chão começava a se tornar lamacento, tendo que tomar um cuidado maior para não escorregar. Sabia que estava sendo perseguido e não poderia parar de correr, fugir daquele lugar era a sua única opção. Entretanto, parecia que apesar de seus esforços em se distanciar, não conseguia impedir que seus inimigos se aproximassem.

Precisava pensar em algo o mais rápido possível para escapar antes que suas últimas forças se esvaíssem e fossem capturados.

As folhas das árvores batiam em seu rosto e os galhos arranhavam seus braços, mas logo à frente ouviu algo que poderia se tornar sua salvação. Sabia que naquela floresta existia um grande rio próximo à cabana onde estavam e, por conta da chuva, aumentou o nível, e a correnteza estava forte.

Sua ideia desesperada era perigosa, mas a única que poderia mantê-lo vivo e livrá-lo de seus perseguidores.

Sentiu a presença deles mais próxima, e ao olhar rapidamente para trás, notou que eram muitos, mas esse rápido momento de distração quase

lhe ocasionou uma queda ao escorregar e ter que desviar de algo parecido com fogo que lançaram em sua direção. Quase lhe acertaram, mas conseguiu se recuperar e seguir sua corrida até o rio.

Podia sentir seus músculos reclamarem pelo esforço e dos ferimentos do combate minutos atrás. O precipício estava próximo, e seus inimigos não lhe deixavam escolha a não ser pular.

E assim fez.

Ao saltar, pôde sentir uma bola de fogo raspar seu braço e causar uma última queimadura antes de entrar em contato com a água gelada e afundar com o próprio peso. A correnteza era pesada e não conseguia submergir, seu corpo já cansado não conseguia lutar contra, então, apenas se deixou levar pelo rumo que o forte fluxo d'água seguia.

Com seu último esforço, emergiu para mais uma olhada e viu os Ze-kens nada felizes o encarando, ainda em cima da encosta da montanha.

Exausto por conta de tudo que enfrentou, permitiu-se descansar os olhos enquanto ainda boiava sobre as águas.

“Kylie Collard, alguém que pouco conhecia, mas sabia ter habilidades formidáveis com o controle de mente, recebeu a primeira runa dos herdeiros de Shinden, Cristal, e foi criada junto a seu mentor na Austrália. Eu não a conheci pessoalmente, mas soube há alguns meses que a Número Um fora atacada e perdeu sua vida em meio a uma praia onde residia.

O segundo herdeiro, portador da runa Terra, conhecido como “a Besta” por ter total controle de seus sentidos e habilidades de rastreamento, Dimitri Ivanov, cresceu na Rússia. Anos atrás sua mentora contatou o meu mentor, explicando por onde andaram desde que chegaram a este mundo, mas da última vez que tivemos notícias, elas não foram agradáveis. Os inimigos conseguiram tirar a vida do Número Dois e de sua mentora.

O Número Três, portador da runa Rocha, pelo que sei, ainda não está morto. Mas será apenas questão de tempo para que isso ocorra.

Meu nome é James Crow, eu sou portador da runa Trovão, o Número Quatro. E sei que meu encontro com o inimigo está próximo.”

I

— Não importa o que tenha que fazer ou sobre quem tenha que passar por cima, você precisa sobreviver e aniquilá-los. — Escutou a voz arrastada de Bruce em suas costas.

Ao se virar, não viu mais sinal dele.

— Vamos, James, está lento demais.

— Você ainda não me disse — respondeu no mesmo momento em que segurou um golpe rápido de seu mentor na altura do rosto, para logo em seguida ele tornar a desaparecer. — Não me disse qual o propósito de sermos nove.

— O propósito é justamente esse. — Seu mentor respondeu, lançando-se novamente sobre o garoto em um ataque rápido. — Nem todos sairão vivos, nem todos terão a competência para derrotá-los.

— Então por quê? — perguntou novamente o Número Quatro, após desviar do ataque.

— Deixe as hienas devorarem a carniça, enquanto isso, o leão as pega de surpresa — ele disse com seu tom sombrio e o brilho sádico no olhar. — Em uma guerra, precisamos de distração, James. E eles são exatamente para esse propósito.

O moreno estreitou os olhos na direção de Bruce ainda digerindo as palavras proferidas pelo mais velho.

— Então é por isso que os odeia?

— Você diz o Número Seis e seu mentor Robert? Não os odeio — responde suspirando alto. — Apenas creio que laços são para enfraquecer as pessoas. Você passa a se importar e depois aquele alguém é tirado de você. Mas o inimigo não o mata, é claro que não, isso seria fácil demais. Apenas usam o seu sentimento contra você mesmo, aproveitando-se de seu sofrimento. — Ele finaliza olhando seu pupilo com seriedade.

— Robert acha justamente o contrário. — James contradiz o mentor. — Que são os laços que nos deixarão mais fortes.

— Robert é um bastardo. — Eleva sua voz começando a se alterar. — Lembre-se, James, são esses sentimentos que farão sua ruína. Você se entregará apenas para salvar alguém? Desviará de seu caminho e sua missão apenas por um capricho seu e, por fim, toda nossa existência não passará de lendas pelos outros seres do Universo. Nós, uma raça tão pura e invejada, extinta por puro egoísmo.

— Eu não sou fraco. — O Número Quatro resmungava, voltando a se posicionar para seguir o seu treinamento.

— Eu sei que não — complementa o mentor. — Você é quem dará fim a isso tudo. Vamos continuar.

James acena positivamente, ainda com as palavras de Bruce em sua cabeça.

Entretanto, antes de iniciar sua sequência de ataques, um forte estrondo foi ouvido, fazendo ambos olharem atônitos para o início da clareira onde as árvores descampavam e faziam sombras. Lá podiam ver uma grande quantidade de Zekens os olhando com um suspense aterrador.

Prontos para atacá-los.

— São muitos — James disse com os olhos levemente arregalados. — Como é possível?

— A barreira... Eles a quebraram.

Sentiu os olhos arderem por conta da claridade que fazia e os abriu lentamente, recordando as palavras de seu mentor para si naquela tarde, antes de serem atacados.

Agora, tudo estava claro, a cabana, o ataque dos Zekens, a partida daquele que fora o laço mais próximo de uma família em sua estadia na Terra.

Podia sentir a adrenalina ainda correndo em suas veias mesmo antes de ter submergido naquele rio, no entanto, não sabia o que tinha acontecido após seu pulo. A última coisa que lembrava era as feições enraivecidas de seus inimigos, olhando-o de cima do monte.

Não soube dizer quanto tempo se passou ou quando fora resgatado, mas agradecia o fato de ter a plena certeza de estar deitado sob uma cama macia e de sentir os lençóis quentes.

Olhou para os lados e tentou se acomodar melhor na cama, mas não conseguiu completar sua ação. As dores em seus músculos e em suas costas, devido ao esforço do recente combate e fuga daquele dia, ainda se faziam

presentes. Com um resmungo, suspirou irritado pela sensação de impotência, deitando-se novamente.

Sabia muito bem quem o havia resgatado e, entretanto, não se animava nem um pouco por mais uma vez precisar da ajuda deles.

O quarto era bem arejado, embora não parecesse muito grande. Pela forma como os móveis estavam dispostos e bolsas espalhadas, logo deduziu que estava em uma pousada ou algo parecido — até porque, não se lembrava de que seus salvadores costumavam ser organizados.

Escutou um assovio ao seu lado e fechou os olhos já sabendo da zombaria que estava prestes a vir.

— Ah, então finalmente a bela adormecida acordou.

— Cale a boca, idiota — murmura irritado, pressionando as têmporas tentando aliviar a dor de cabeça que já começava a aparecer.

— Nossa! Ele já está recuperado.

Antes mesmo que pudesse retrucar, ambos escutam o ranger da porta anunciando a entrada de Robert no quarto.

— Largue de ser chato, Will, deixe-o descansar, ele passou por maus bocados — disse enquanto caminhava até a cama e afagava os cabelos negros de James. — Não é mesmo, garoto?

— Hum — murmurou tentando afastar a mão do grisalho.

— Besteira! Já está aqui resmungando — retrucou o loiro. — Está é muito bem!

James suspirou sem dizer mais nada, afinal, entrar em discussão com o loiro era um tempo perdido, algo que ele não poderia desperdiçar.

— Me diga, garoto, o que aconteceu naquela cabana? — O mentor do Número Seis indaga enquanto se sentava na beirada da cama, ignorando William que ainda retrucava.

— Fomos pegos de surpresa durante a noite por Zekens — respondeu de maneira direta e com seu timbre frio habitual.

— Mas e a barreira de energia? Esqueceram-se de levantá-la durante a noite, é?

— Claro que não, idiota! — respondeu alterado pela pergunta absurda do loiro, para logo respirar e falar com mais calma. — Isso é o mais estranho, pois eles conseguiram ultrapassar e ainda sem que nós percebêssemos.

Um silêncio momentâneo se instalou naquele quarto. Todos sabiam do perigo que os Zekens representavam e, se conseguiram realizar tal proeza, era porque estavam se aperfeiçoando e se tornando mais vorazes em suas caçadas.

E esse era o maior temor de todos.

Robert suspira cansado após confirmar algo que já vinha tirando seu sono há semanas. Segundo seu contato com a mentora da Número Cinco-Cinco, Galia, os lacaios de Kaguyan estavam cada vez mais conseguindo se adaptar aos meios terrestres e, pelo fato de já terem conseguido matar os Números Um e Dois, juntamente com seus mentores, eles estavam se tonando mais ágeis e mortais nas perseguições e, conseqüentemente, desenvolvendo técnicas para burlar as barreiras naturais que os mentores criaram para protegê-los.

— E Bruce? — Robert pergunta para o moreno, mesmo já tendo ideia da resposta. Até porque, encontraram apenas o corpo de James agarrado a um tronco podre seguindo o curso da correnteza do rio.

Este imediatamente desvia o olhar, e isso é suficiente para o mentor do Número Seis entender. O pesar no olhar de James significava mais que palavras, porque mesmo sendo o mais frio dos Números, sabia do apressado que o mais novo tinha por seu mentor.

— Então... — William corta o silêncio torcendo o cenho pela revelação muda de seu amigo. — O que fazemos agora?

Sabia o quão difícil podia ser perder alguém que estava ao seu lado desde os seus sete anos, assumindo a postura de seu protetor, principalmente por conta do passado do moreno, que sofrera a perda dos pais quando era muito pequeno.

James, involuntariamente, olha para Robert esperando que a resposta viesse dele, uma vez que, a partir de agora, estava sozinho.

— Vamos nos agrupar com Galia, a mentora da Número Cinco, elas já se reuniram com o Número Três após a morte de seu protetor.

— Isso é sério? Vocês querem colocar os Números Três, Quatro, Cinco e o idiota do Seis todos juntos? — O moreno se exalta ao ouvir tais palavras, totalmente indignado. — Realmente é muito inteligente.

James revira os olhos ao ironizar, recebendo olhares inquisidores por parte de William e Robert.

— E você espera sobreviver sozinho? — O grisalho arqueia as sobrancelhas tornando-se mais sério. — Não terá mais Bruce para dar a vida no lugar da sua.

— Deveríamos treinar sozinhos para depois de fortes nos reunirmos!
— fala o moreno em um tom alto, sentindo uma pontada de dor na costela ao se exaltar.

William logo se irrita e se põe de pé em frente ao amigo.

— Tudo isso são bobagens do Bruce. “Treinar para ficar forte e conseguir mais poder.” — Imita a voz do mentor do Número Quatro, enquanto revira os olhos. — Deixe disso, precisamos nos reunir quanto antes.

— Muitas pessoas juntas são um alvo fácil. Eles conseguirão capturar todos nós de uma vez!

— E o que tem em mente? — O loiro pergunta cruzando os braços rente ao peito.

— Podemos deixá-los como estão e focar em nos proteger e lutar contra Kaguyan. Eles serão a distração para que possamos agir, afinal, o próximo é o Número Três.

— Espera mesmo que sacrifiquemos os nossos para conseguir alguma coisa?

— Estou dizendo que podemos vencê-la, mas não se eles estiverem atrás de nós! — James se senta na cama e continua a falar, ignorando até mesmo as fisgadas nas costas. — Precisamos disso, admita!

— James, são nossos companheiros, não podemos fazer uma coisa dessas. — O amigo retruca encarando-o.

— Eu não os conheço. — William escuta a voz do moreno se tornar mais áspera e respira fundo. — E você, Will? Diga o nome de um que não seja o meu.

O loiro se cala e deixa seus ombros caírem. James estava certo, não conhecia ninguém além dele, entretanto, não se imaginava fazendo tal atrocidade. Saber que mais e mais números estavam morrendo significava que seu fim também estava cada vez mais próximo.

Não podia deixar isso acontecer.

Não podia simplesmente dar as costas àqueles que lutavam pelo mesmo propósito.

— James, eu e Will iremos encontrar Galia e os outros. — Robert se pronuncia após se manter calado, escutando a briga dos dois. — Se quiser, pode ir conosco. Não agiremos sozinhos.

— Como assim “se ele quiser”? — William caminha até o grisalho, mexendo freneticamente os braços. — Ele vai conosco e acabou! Não comece a fazer drama, James!

— Não é drama, Will, apenas estou vendo que no fim de tudo, todos nós vamos morrer e o sacrifício do nosso povo será em vão.

— Se você vier conosco, James, nada será em vão. — O mais velho fala de maneira calma. — Juntos somos mais fortes e podemos proteger uns aos outros.

— Ou morrer todos juntos, você quer dizer.

Robert balança a cabeça negativamente, suspirando.

— Garoto, Bruce se foi, mas você não está sozinho — disse ele sabendo da guerra interna que se passava pelo Número Quatro.

Por mais que o moreno transparecesse ser uma figura forte e intocável, este tinha um medo muito grande da solidão. Perder seus pais e o irmão mais velho foi como uma facada no peito, ainda mais pela forma traumática que ocorrera. Nem ao menos pôde sentir o prazer de ter uma família, pois tão logo foram tirados de si e, Bruce, este nunca foi alguém amigável ou carinhoso consigo — muito pelo contrário. Entretanto, por mais que tivesse todos os defeitos, ele era o único que conseguia suprir um pouco do vazio que sentia por nunca ter tido alguém ao seu lado.

Ele o treinava e o fazia se esforçar ao seu máximo, ultrapassando seus limites, mas ainda assim se contentava com um simples elogio de sua desenvoltura no treino, e isso já lhe bastava.

— *Tsc.* — Estralou a língua, dando-se por vencido. — Só não me façam perder o meu tempo.

Percebendo que enfim convencera o amigo, William lhe lança um belo sorriso e logo começa a juntar as suas bagunças e a organizar as coisas que levariam para viagem.

Robert também sorri e se retira do quarto, tirando o seu celular para então achar o contato de Galia salvo em sua agenda.



“Perdemos Lhoris, vamos nos reagrupar em breve. Mande-me coordenadas.”

— Mas o quê? — reclamou Alejandra quando leu a mensagem recebida.
— Esse idiota me avisa só agora!

— Quem? — Escutou a voz ofegante de Helena atrás de si, ela estava suada e suas roupas de treinamento estavam sujas.

– Nada de importante — respondeu a loira, guardando o celular.

– Você nunca usa esse celular se não é algo importante, Galia.

– Lhoris se foi. — A loira resmungava encarando a mais nova.

– O mentor do Número Quatro?

– Sim, neste mundo ele respondia por Bruce. Era um bastardo egoísta. Mas era um de nós — diz Alejandra. — Vamos continuar, mais vontade nesse soco! Você tem uma força sobre-humana e me vem com esse *soquinho*?

– Lá vem você me menosprezando. — A mais nova revirou os olhos para logo retirar suas luvas e se sentar no chão. — Por hoje chega.

Helena sabia que sua mentora sentia pela perda de mais um companheiro.

– Como assim por hoje chega? Mal começamos!

– Alejandra, estamos aqui a mais de cinco horas. — Fez uma careta ao chamar a mentora por tal nome, e deu de ombros, deitando-se, sentindo a grama fresca embaixo de si.

– Hum, te darei esse desconto. — A loira se sentou ao seu lado. — E Lorenzo, onde está aquele ruivo?

– Com certeza enchendo a cara por aí — falou Helena em tom de deboche.

– Maneira inusitada de superar a perda do mentor. — A loira revirou os olhos.

– Ele perdeu mais que um mentor, perdeu o que restava de sua família, seu irmão. — Suspirou a moça. — Dê um tempo a ele.

– Certo, estou sentindo meu coração bondoso hoje. — Levantou-se e começou a recolher os equipamentos que usaram durante o treino. — Os últimos dias foram difíceis.

Helena faz uma careta e inevitavelmente pensa: “*Você tem coração?*” para logo rir sozinha, balançando a cabeça, e levantar-se para ajudar a mentora.

– Lembre-se, Helena, agora mais do que nunca precisamos vigiar e estar sempre atentas... — Seu timbre soa sério fazendo Helena olhar para ela com mais atenção. — Eles estão próximos.

Helena acenou em concordância e voltou a recolher os equipamentos.

“*Pelo menos ainda tenho você*”.